
**“SÓ CURTO NEGÃO”:
CONSIDERAÇÕES SOBRE MASCULINIDADES, NEGRITUDE E
HOMOSSEXUALIDADE**

**“I ONLY ENJOY BIG BLACK GUYS”:
CONSIDERATIONS ON MASCULINITIES, BLACKNESS AND HOMOSEXUALITY**

**“SOLO ME MOLA NEGRÓN”:
CONSIDERACIONES SOBRE MASCLINIDADES, NEGRITUD Y HOMOSEXUALIDAD**

Ruann Moutinho Ruani¹
Leandro Teofilo de Brito²

RESUMO

O racismo é responsável pela construção de estereótipos sobre pessoas negras e seus corpos, promovendo uma hierarquização com base no tom de pele. Outro preconceito com potencial de hierarquização é a homofobia, que distorce a visão do masculino e aprisiona os homens, independentemente de sua orientação afetiva. A partir disso, surgem reflexões sobre a inter-relação entre o racismo e a homofobia, com base em conversas com homens que utilizam o aplicativo Grindr. Propomos uma reflexão sobre a masculinidade de homens negros homossexuais, que vai além da sobreposição de preconceitos, visando repensar as amarras que limitam a diversidade humana. Para isso, sugerimos uma reflexão sobre os corpos de homens negros e suas expectativas de gênero, baseadas na heteronormia, para reconhecer os atravessamentos presentes na constituição de um indivíduo que se entende como homem, negro e homossexual, sem que esses marcadores limitem ou prevaleçam sobre os outros. Dessa forma, é possível entender a multiplicidade do ser homem negro homossexual e refletir sobre os modelos de dominação e violências simbólicas nas relações homoafetivas.

PALAVRAS-CHAVE: Grindr, masculinidades, negritudes, racismo, conversas on-line.

ABSTRACT

Racism is responsible for the construction of stereotypes about Black people and their bodies, promoting a hierarchy based on skin tone. Another form of prejudice with the potential to create a hierarchy is homophobia, which distorts the view of masculinity and imprisons men, regardless of their affective orientation. From this, reflections emerge about the interrelation between racism and homophobia, based on conversations with men who use the Grindr app. We propose a reflection on the masculinity of Black gay men, which goes beyond the overlap of prejudices, aiming to rethink the constraints that limit human diversity. To this end, we suggest a reflection on the bodies of Black men and their gender expectations, based on heteronormativity, to recognize the intersections present in the constitution of an individual who identifies as a man, Black, and gay, without allowing any of these markers to limit or prevail over the others. In this way, it is possible to understand the multiplicity of being a Black gay man and reflect on the models of domination and symbolic violence in homoaffective relationships.

KEYWORDS: Grindr, masculinities, blackness, racism, online conversations.

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ)

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMEN

El racismo es responsable de la construcción de estereotipos sobre las personas negras y sus cuerpos, promoviendo una jerarquización basada en el tono de piel. Otro prejuicio con potencial de jerarquización es la homofobia, que distorsiona la visión de la masculinidad y aprisiona a los hombres, independientemente de su orientación afectiva. A partir de esto, surgen reflexiones sobre la interrelación entre el racismo y la homofobia, basadas en conversaciones con hombres que utilizan la aplicación Grindr. Proponemos una reflexión sobre la masculinidad de los hombres negros homosexuales, que va más allá de la superposición de prejuicios, buscando repensar las ataduras que limitan la diversidad humana. Para ello, sugerimos una reflexión sobre los cuerpos de los hombres negros y sus expectativas de género, basadas en la heteronorma, para reconocer las intersecciones presentes en la constitución de un individuo que se entiende como hombre, negro y homosexual, sin que estos marcadores limiten o preñezcan sobre los demás. De esta forma, es posible entender la multiplicidad del ser hombre negro homosexual y reflexionar sobre los modelos de dominación y violencias simbólicas en las relaciones homoafectivas.

PALABRAS CLAVE: Grindr, masculinidades, negritudes, racismo, conversaciones en línea.

PESQUISANDO MASCULINIDADES DISSIDENTES: OBSERVAÇÕES INICIAIS:

Considerando nossa posição enquanto pesquisadores do campo da Educação, debruçados sobre os estudos de masculinidades, reconhecemos o desafio de promover um constante questionamento sobre o que se entende por “verdade”, assumindo tal premissa como estímulo para condução de nossas pesquisas, permeando de forma crítica nossa escrita.

O presente artigo, nesse contexto, busca tecer considerações sobre relações entre raça, gênero e sexualidade, mais especificamente entre a representação da masculinidade de homens negros homossexuais. Como desdobramento da pesquisa de mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ/FEBF), conduzida pelo primeiro autor, este buscou investigar os sentidos de masculinidades dissidentes produzidos por homens gays que fazem uso do aplicativo Grindr. Assim, o foco deste texto é discutir como a masculinidade de homens negros homossexuais são articuladas com estereótipos de raça, promovendo uma constituição de masculinidade específica.

Para tanto, as reflexões foram desenvolvidas a partir, e em conjunto, com alguns dos sujeitos participantes da pesquisa de mestrado já concluída, cujos quais não apenas traziam questões para reflexões, mas também apresentavam suas próprias dúvidas e questionamentos, articulando-as com a sua própria relação com a masculinidade. Nesse contexto, os participantes aqui presentes são todos homens autodeclarados gays, que utilizam o aplicativo mencionado para encontros e conversas com outros homens gays. Seus nomes foram substituídos por outros escolhidos por eles mesmos, para assim preservar suas identidades.

Metodologicamente, apostamos nas conversas on-line como um procedimento que nos permite uma aproximação com o outro, considerando não apenas a diversidade de experiências e visões,

mas um próprio exercício de alteridade, ao se conduzir uma pesquisa a qual, em muitos aspectos, tocam em temas sensíveis aos sujeitos que dela participam, assim como aos pesquisadores. Conforme Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 25, grifos dos autores), a conversa é parte do convívio diário do ser humano e pode ser estabelecida de formas diversas: “conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas; provocativas, emotivas, alegres, tristes. [...] Conversamos enquanto estudamos, enquanto aprendemos ensinamos. Por que não enquanto pesquisamos?”.

Dessa forma, apostamos na conversa online nos alinhando a uma concepção de fazer pesquisa ancorada no princípio da horizontalidade das vozes, ou seja, partimos do pressuposto de que pesquisador e sujeitos dialogam em pé de igualdade (Couto Junior; Ferreira; Oswald, 2017; Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018). Assim, reconhecemos a parceria do outro como aspecto imprescindível na produção de conhecimento, com a conversa que visa a criação de redes de interações entre indivíduos, abertas, imprevisíveis, que interconectam contextos socioculturais distintos. A conversa “demanda de nós uma relação de alteridade, uma atitude de empatia, e não de submissão ou de opressão” (Ferraço; Alves, 2018, p. 42).

Conceitualmente, entendemos que a condução das nossas pesquisas se insere em um contexto maior, onde não apenas os papéis e normas regulatórias de gêneros são questionados, mas também tudo o que se configura como familiar e consolidado nas constituições e representações humanas, alinhados assim a uma visão pós-estruturalista de pensar e conduzir a construção do conhecimento, no campo da educação.

Especificamente no que se refere aos estudos de masculinidades, no Brasil, é possível notar que é a partir de 1980 que adquirem maior destaque na produção acadêmica. Possuem especial destaque conteúdos relacionados à saúde, violência, paternidade e análises sobre sexualidade (Giffin, 2005; Medrado; Lyra, 2008; Bento, 2015).

Cabe destacar que a vinculação do referido campo de estudos a uma perspectiva pós-estruturalistas, já vem sendo desenvolvida por pesquisadores contemporâneos (Brito; Leite, 2017; Brito; Couto Junior, 2019; Brito; Pontes, 2020) os quais enfatizam as potencialidades dos enunciados, e da própria linguagem no processo de constituição dos sentidos de masculinidades. De acordo com Forth (2013, p. 162), “o pós-estruturalismo não rejeita o mundo material, mas insiste mais sobre a potência da materialização de diferentes discursos”. Sendo assim, e em consonância com o que aprendemos com Meyer (2014, p. 54), buscamos romper com uma visão de masculinidade que é pautada pelo binarismo antagônico, ao se considerar múltiplas formas de ser e exercer o que se considera por masculino.

Considerando que trataremos especificamente sobre uma construção/ visão de masculinidade

que envolve e se articula com o marcador de raça, cabe destacar o que nos ensina Cida Bento (2002), considerando assim o papel e participação também do homem branco na luta antirracista. Longe de usurpar ou neutralizar a participação do homem negro nos debates e na própria produção do conhecimento, ao branco cabe não apenas apoiar, mas reconhecer a existência de privilégios históricos que alicerçam ainda hoje nossa sociedade e, a partir disso, dar impulso à luta, nas mais diversas frentes, para a promoção da verdadeira democracia, na qual não cabem privilégios de quaisquer maneiras (Bento, 2002).

Com base no exposto, e considerando a existência de um estereótipo que permeia corpos de homens negros sobretudo entre homens homossexuais, buscamos uma articulação teórica entre esse homem negro imaginário, a masculinidade em suas múltiplas formas e a homossexualidade. Se considerarmos a proposição de Bourdieu (2016), para quem existiria uma ordem social baseada em um referencial idealizado de masculinidade, podemos considerar que uma visão estereotipada que cerca a masculinidade de homens negros com base em seus corpos os posicionaria em um local diferente, quando em comparação ao de homens brancos. Também é importante considerar que nessa mesma hierarquização, o marcador de sexualidade do homem homossexual, o classificaria de forma inferior ao de um homem heterossexual, já que o referencial do masculino, nessa ordem, seria o homem branco heterossexual europeu. Assim pensar a dissidência, e as formas de ser/ pensar o masculino pode ser compreendida dentro de um esforço maior para romper com o binarismo comparativo, que tende a hierarquizar as múltiplas formas de se dizer e pensar enquanto homem.

Após esta breve contextualização, promovemos uma articulação entre teoria e conversas que ocorreram no decorrer da pesquisa, sobre o tema em questão, assim apresentamos e analisamos algumas conversas realizadas com os sujeitos que apresentaram questões ligadas a racialidade ao utilizarem o aplicativo Grindr. Na última parte do texto realizamos considerações (in)conclusivas considerando não apenas a complexidade do tema, mas a necessidade de constante aprofundamento e ponderação, tendo em vista a persistência do racismo estrutural em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO E RACISMO

A ideia moderna de raça favoreceu uma escala específica de representação e funcionou dentro dos mais estritos limites perceptuais, que as marcas, os órgãos e as feições distintivas tenham sido descobertas na superfície externa do corpo, quer tenha se pensado que eles residissem em algum lugar em seu interior, onde se imaginava que as propriedades escondidas do sangue, dos ossos e dos nervos, diferenciados racialmente, regulassem as manifestações sociais e culturais.

A proposição de Gilroy (2007) nos permite relacionar as concepções sócio-históricas³ de raça e de racismo. O corpo emerge como a materialização visível da diferença, servindo tanto para evidenciar a potência das singularidades humanas quando para demarcar/segregar quais grupos sociais estarão suscetíveis a serem desqualificados pelo racismo. É no corpo que se busca legitimar, de forma tangível, a segregação e o embasamento da construção e reprodução de estereótipos racistas. No caso brasileiro, o racismo violenta a população negra, na medida em que seus corpos e existências são alvos das mais abjetas teorias e de imaginários que buscam desqualificar modos de vida, promovendo uma hierarquização da própria existência humana.

Conforme Le Breton (2010, p. 73),

o processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos a seu ver) e impõe uma versão reificada do corpo. A diferença é transformada em estigma. O corpo estrangeiro torna-se corpo estranho. A presença do Outro se resume à presença de seu corpo: ele é seu corpo. A anatomia é seu destino. O corpo não é mais moldado pela história pessoal do ator numa dada sociedade, mas, ao contrário: aos olhos do racista, são as condições de existência do homem que são os produtos inalteráveis de seu corpo. O ser do homem corresponde ao único desenvolvimento de sua anatomia. O homem nada mais é que um artefato da aparência física, do corpo imaginário ao qual a raça dá nome. Cartesiano na ruptura, não é mais ao espírito que o racismo dá importância, mas ao corpo. Lá onde o aspecto físico parece não existir para operar a discriminação, o racismo manifesta tesouros de imaginação.

Reforçamos aqui o entendimento de Le Breton (2010) do corpo como materialização do ser e do racismo como um processo sócio-histórico que resulta na classificação excludente do “outro”. No caso específico de nossa sociedade contemporânea, o corpo funciona como fronteira para relações humanas. Em um passado (recente) definia-se quem poderia ser classificado como humano. O processo de escravização de pessoas africanas e sua diáspora forçada tiveram na cor da pele e, portanto, no corpo, o principal referencial para determinar quem legitimamente poderia ser escravizado. Ser negro no Brasil, por um longo período, significava fazer parte de um grupo de pessoas que compartilhavam a experiência da escravidão e, conseqüentemente, da desqualificação.

Vencida a escravização institucional do Estado brasileiro, decorrente do tráfico transatlântico

³ Optamos por essa grafia pelo entendimento de que raça e racismo são construções sociais próprias de um tempo objetivando o reforço de uma ordem social específica; desse modo, sua construção e seu entendimento não poderiam se dar de forma isolada.

de africanos para este território, bem como a perpetuação dessa condição para seus descendentes, permanecem ainda hoje as amarras e grilhões que teimam em acorrentar corpos negros. Se rompemos com a igualdade entre negro e escravizado, persistem definições relacionando o corpo negro a especificidades totalizantes, via de regra depreciativas e, por isso, racistas. Da violência policial ao acesso a melhores oportunidades de trabalho, saúde e educação, o corpo negro no Brasil de 2025 ainda traz em si fronteiras que limitam a existência do ser, perpetuando uma herança entendida neste texto como uma herança maldita de julgamento e reprodução de estereótipos forjados para legitimar a subjugação do povo negro. Nesse aspecto há que se considerar uma necropolítica, tal como apresentada por Mbembe (2018), empregada pelo Estado e suas instituições, que é direcionada com bastante força para determinados grupos socioeconômicos, como a população negra e pobre do Brasil.

Assim, a concepção sócio-histórica do racismo se dá justamente por ser possível identificá-lo nos diferentes espaçostempos, com suas práticas sociais tendo sido construídas com vista a atender objetivos específicos. O racismo excludente vinculado a aspectos fenotípicos do corpo negro deve, portanto, ser desnaturalizado; deve se pensar também a que interesses serve. Ao se promover a naturalização da negação e hierarquização do corpo negro, imputando na biologia a justificativa para a exclusão, desconsidera-se a construção histórica do racismo. De acordo com Stuart Hall (2003, p. 345),

o momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significado “negro” é arrancado do seu encaixe histórico, cultural e político e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, nós valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir.

Entendemos o racismo não apenas como atos e falas pejorativas aos aspectos físicos e sociais da população negra, mas todo um processo que vem buscando inferiorizar corpos e suprimir culturas em prol do apagamento da experiência do outro. Conforme alerta Hall (2003), o termo “negro” se constituiu como um marcador social e histórico. Dessa forma, toda caracterização genérica embasada em atributos dos corpos de homens negros deve ser problematizada sob os referidos aspectos. O corpo e seu indivíduo tomam para si, em tal concepção, características não biológicas, mas sim da esfera do social/coletivo, atribuindo ao corpo padrões e conformações com base na personificação do ser. No caso do corpo negro, o deslocamento do entendimento do sócio-histórico para o biológico dá-se justamente pela concepção racista de subalternizar e subjugar essas pessoas.

O racismo tal como entendido aqui, a cor marca de forma profunda o ser, que constantemente

precisa “equilibrar” a cor com justificativas que superem a expectativa racista. Assim, Fanon (2008, p. 109) relata:

Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal. Eu me esquivo desses escrutadores do ante dilúvio e me agarro a meus irmãos, pretos como eu. [...]

A evidência estava lá, implacável. Minha negrura era densa e indiscutível. Ela me atormentava, me perseguia, me perturbava, me exasperava.

Os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos. Mas eu sabia que, no meu caso, essas afirmações eram falsas. Havia um mito do negro que era preciso, antes de mais nada, demolir. Não estávamos mais no tempo em que as pessoas se impressionavam diante de um padre preto. Tínhamos médicos, professores, estadistas... Sim, mas em todos esses casos algo de insólito persistia. “Nós temos um professor de história senegalês. Ele é muito inteligente... Nosso médico é um negro. Ele é muito cordial”.

O autor busca na problematização uma quebra de expectativa, pois se espera algo específico e totalizante para todos os corpos negros. O racismo reside nessa expectativa generalizante do ser, a qual biologiza uma concepção racialista de indivíduo. Com isso em mente e com base no imaginário racista imposto sobre os corpos negros, é possível desvelar estereótipos recorrentes sobre esses mesmos corpos e pessoas, que os subalternizam e generalizam, e é assim que o marcador raça aparece com mais força nessa pesquisa.

MANDINGO E NEGÃO: ESTEREÓTIPOS E SEXUALIDADE ENTRE HOMENS GAYS

Com uma pergunta curta e direta através do WhatsApp, em contato com o primeiro autor desse artigo, Lucas, um dos sujeitos participantes da pesquisa, promoveu o convite para as reflexões aqui contidas. Sua breve interrogativa foi:

Lucas: “vc sabe o que é mandingo?”.

O termo mandingo⁴ já nos era familiar, porém não da forma que se relacionava à pergunta de nosso interlocutor. Em nossa conexão inicial, o termo referia-se a uma designação de grupo

⁴ Desta palavra também deriva o termo mandinga, que pode ser entendido em nossa língua como relacionado à prática de rituais de magia e/ou feitiçaria, sendo inclusive reconhecido por alguns dicionários de língua portuguesa, como o Aurélio, o verbo mandigar, sendo este o ato ou a ação de realizar uma mandinga. Outro significado para palavra mandinga é a de designação da língua do grupo étnico dos mandingos.

étnico da África Ocidental, mais especificamente de regiões que constituíam o antigo Império do Mali. A pergunta nos causou um estranhamento, pensamos se tratar de um conhecimento especificamente técnico, o qual só possuíamos pelo fato do primeiro autor desse texto ter estudado especificamente a História dessa região em um curso de especialização em Histórias e Culturas Africanas concluído em 2018. Não é de se estranhar que, após enviado pelo WhatsApp um pequeno áudio a Lucas sobre o antigo Império do Mali, ele não fica satisfeito com minha resposta e indaga:

Lucas: Mas este é o nome de um cara no Grindr aqui perto de mim... não acho que tem a ver com isso.

Pesquisador: hata rsrs. Talvez tenha...

Lucas: Acho que é pq ele é negro neh

É preciso confessar um certo embaraço, no primeiro momento do pesquisador em conduzir a conversa em questão para propor uma reflexão adequada. No momento da condução da pesquisa, o primeiro autor demorou para entender a referida indagação como suficientemente relevante para problematização; houve uma conformidade, ao menos no instante da conversa, com a relação entre o ser homem negro e se apresentar como “mandingo” no aplicativo Grindr. É provável que tenhamos esbarrado na rede com o mesmo perfil visto por Lucas, o fato é que nossa inquietação cresceu e resolvemos nos informar melhor, e após algumas conversas com outros colegas nos foi indicada uma matéria da Geledés⁵, e assim foi possível entender melhor a relação entre a enunciação de si realizada no perfil do Grindr e a própria inquietação desencadeada pela pergunta de Lucas.

A opção por se declarar “mandingo” reforça um estereótipo de masculinidade do homem negro expressa pelo imaginário corpóreo (racista) do pênis avantajado. A centralidade do perfil em destacar o tamanho avantajado do órgão genital associado reitera a relação propositiva que atribuí a homens negros uma masculinidade/virilidade exacerbada quando comparado ao referencial padrão eurocêntrico de homem, entendido este como branco europeu civilizado. O pênis avantajado do homem negro expressaria uma potência sexual desenvolvida e aflorada, quase animalesca, responsável por uma visão hipersexualizada desses homens. A proposição, desse modo, incorpora o ideário racista ao se pensar biologicamente o homem negro como possuidor de um impulso sexual ativo/penetrante natural por atribuir a ele um pênis maior que o do homem branco ocidental (tomado como referencial). Nessa linha de pensamento, considerar que o homem negro é possuído pelo impulso sexual superior e incontrolável,

⁵ Na ocasião, esse mesmo colega me enviou um link para o site Geledés, onde pude entender melhor a dimensão da empregabilidade do termo: <<https://bit.ly/35uvs3>>. Último acesso em: 08 mar. 2025.

tornando-se praticamente impossível de ser controlado, traz certo perigo para a ordem dominante do homem branco (Hall, 1997; Weeks, 2000). Segundo Fanon (2008, p. 147),

o branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender desse “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos.

O mandigo é nesse sentido a personificação de um imaginário que hipersexualiza homens negros com base em um referencial branco. Assim, a bestialização do masculino extremamente sexualizado ganha materialidade no corpo do homem negro. Da mesma forma o mandigo, na indústria pornográfica, associa-se a nichos de mercado que exploram cenas com relações ditas inter-raciais, com forte destaque para o tamanho do pênis negro e a construção de uma relação de dominação fálica que coloca o homem negro em uma posição de ativo e o homem branco na posição de passivo.

No decorrer da pesquisa, outro termo surge como similar ao mandigo: o “negão”. De forma análoga, espera-se do “negão” um pênis grande e uma virilidade que não comporta, entre homens gays, outra prática sexual que não a de ativo penetrante. É sob essa lógica, corpo-raça-prática que sou indagado por outro participante da pesquisa, aqui identificado como Marcos:

Marcos: Você já esteve com um negão?

Pesquisador: Eita, que pergunta... diz namorar?

Marcos: Na cama.

Pesquisador: Hahah, não entendi o propósito da pergunta assim do nada. Mas já saí com homens negros, sim, mas devo admitir que não muitos.

Marcos: É que têm um cara no Grindr qrendo marcar ele é negão... esse é o nick dele... to louco pra pegar srrs.

Pesquisador: Ah, sim, mas você também se considera negro, certo?

Marcos: Sim, mas é diferente

Pesquisador: O que é diferente?

Marcos: pq eu sou passivo ué.

O “negão” emerge como um marcador próprio que possui na prática sexual um importante componente. Relaciona-se nesse referencial à raça e à prática sexual. Conforme diz Marcos, o “negão” não se resume ao ser negro, mas a toda expectativa sexualizante que recai sobre ele, na qual o tamanho do pênis e a penetração compõem características centrais a ele. Nessa lógica, “o preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições” (Fanon, 2008, p. 152). O “negão” personifica no imaginário racista a hipersexualização do corpo negro inserido em uma lógica falocêntrica de dominações simbólicas. Masculinidade, tamanho do pênis e

desempenho/prática sexual passam a compor a medida de masculinidade nessa lógica em que, partindo novamente do referencial branco europeu, o negro se encontraria no extremo do masculino “civilizado”.

Temos nessa lógica homens negros e seus corpos pensados sob uma lógica fictícia de sexualização em que atributos biológicos devem achar correspondências em práticas e preferências sexuais. Para Fanon (2008, p. 152), se “há homossexuais passivos que exigem parceiros negros”, então existe a expectativa não apenas de o negro desempenhar o papel de ativo/penetrante, mas de o exercer sob uma relação de dominação masculina. Conforme Bourdieu (2016), o ativo exercer uma relação de poder sobre o passivo pela relação de penetração evidencia as expectativas sociais dos papéis de gênero, em que o masculino penetra e domina o feminino.

Instigados pela conversa com Marcos, e considerando as contribuições de Fanon (2008) apontadas acima, prosseguimos conversando/ pesquisando sobre a relação homem-negritude-sexualidade com outro participante da pesquisa, o qual chamaremos de Hector:

Pesquisador: Estava conversando com um rapaz e lembrei de você.

Hector: Coisa boa?

Pesquisador: Para a pesquisa.

Hector: Manda.

Pesquisador: Você no seu perfil do Grindr especificava preferência por homens negros, certo?

Hector: Sim, eu só curto negão, rsrs

Pesquisador: pq?

Hector: Ah, eu curto homens negros. Eles têm mais pegada.

A generalização fica evidente ao pensar o homem negro. A afirmação “Eles têm mais pegada” traz novamente o componente da virilidade hipersexualizante. Para Hector, Marcos e outros participantes da pesquisa, a racialidade sobrepuja a masculinidade. O marcador racial, como categoria identitária, reforça e intensifica a percepção de masculinidade do homem negro. Assim, o homem negro é caracterizado como “negão”, no aumentativo, pois tudo nele deve ser avantajado no contexto das práticas de “pegação”. A lógica expressa por Fanon (2008, p. 107), de que “de um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto”, é reiterada nas relações entre esses homens no Grindr. Dito isso, do “negão” espera-se algo, pois ele não é simplesmente gay, é um homem gay negro. Há, desse modo, uma conjugação entre a identidade masculina e a negra para compor o imaginário do homem negro gay.

Desse modo, com base em um entendimento androcêntrico⁶, uma suposta contradição se constrói. Por um lado, com base no imaginário racista, o homem negro é possuidor de uma masculinidade voraz e extrema dentro do espectro que parte do referencial neutro do homem branco; por outro, a homossexualidade se alinha ao espectro oposto de masculinidade. Com isso, se a negritude amplia, a homossexualidade reduz a potência masculina (Bourdieu, 2016; Fanon, 2008).

CONCLUSÃO

Em conformidade com que ensina Hall (2003), podemos considerar que as masculinidades negras tendem a operar sobre a mesma lógica que reitera a opressão do masculino ao não masculino. Os papéis sociais de gênero são reforçados e, em alguns casos, superdimensionados quando consideramos o “negão” como amplificação de uma masculinidade. Há a expectativa de que os homens negros apresentem a potência fálica que paira no imaginário racial. A pressão da dominação masculina, nesse caso, lhes impõe o papel de ativo-dominante, conforme expresso por Bourdieu (2016), de modo a manter a ordem androcêntrica, mesmo em uma relação entre dois homens, já que a relação sob o controle da dominação masculina não ocorre entre iguais. A violência é exercida sob duas frentes: uma externa e outra interna ao indivíduo (Burke, 2012). Quando pensamos na internalização de tais práticas, no caso específico de se valer da classificação de “mandingo” e “negão”, é preciso considerar os papéis esperados de gêneros contidos nas relações interpessoais vivenciadas.

Dado o exposto, a generalização reducionista do homem negro gay no Grindr ao “negão” se ancora no referencial racista de bestialização da masculinidade negra. Essa construção estereotipada se constitui justamente pelo “outro”, com base em uma concepção ocidental branca do que é ser homem. De acordo com Souza (2009, p. 4), no imaginário social produzido no Ocidente “um homem negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco”.

Conforme ensina Santos (2012), as relações sociais hierarquizantes são construídas com base em uma lógica colonialista, na qual homens negros homossexuais são posicionados em níveis mais baixos da estratificação existencial humana.

Dessa forma, a situação da identidade do homem negro homossexual esbarra em um duplo estereótipo. Por um lado, se espera que esse homem seja o “negão”, que é representado socialmente como um homem negro símbolo de masculinidade e virilidade exacerbadas. Por outro lado, a associação à identidade homossexual vai de encontro à representatividade do homem negro. Assim, o negro homossexual, na sua formação identitária, tem acentuada sua

⁶ Entendido aqui como a ordem centrada no referencial masculino a partir do qual se legitimam e desenham as interações sociais, conforme expressa na obra de Bourdieu (2016).

suposta masculinidade, tornando o processo de autoaceitação de sua homossexualidade ainda mais conflitante, ou mesmo traumático, quando confrontado com padrões e comportamentos que se esperam do corpo negro masculino.

Assim, nos alinhamos com Lima e Cerqueira (2007, p. 2), ao entender que “o homossexual negro é estigmatizado pela representação da raça inferior, assim como é estigmatizado, entre negros e brancos, pela representação negativa da sexualidade contra-hegemônica”. Desse modo, faz-se necessário lançar luz sobre a imagem do negro gay no sentido de desconstruir a representação do senso comum do “negão” e de expor as diversas práticas de dominação e violências simbólicas nas relações homoafetivas.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRN, 2015.

BENTO, Cida. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Cida. (Org.). **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: A condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kuhner. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRETON, David Le. **A Sociologia do Corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRITO, Leandro Teofilo de, LEITE, Miriam Soares. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3b5Eraw>>. Acesso em: 02 mar. 2025.

BRITO, Leandro Teofilo de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, maio/out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2O8Pdn6>>. Acesso em: 02 mar. 2025.

BRITO, Leandro Teofilo de; PONTES, Vanessa Silva. Sentidos da masculinidade em Praia do Futuro: performatizações em cena. **Textura**, Canoas, v. 22, p. 22-40, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2y3eFFn>>. Acesso em: 02 mar. 2025.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. Klauss Brandine Gerhardt, Roneide Venâncio Majer e Roberto Ferreira Leal. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2012. 339 p.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na ciberultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zRX7KV>>. Acesso em: 09 mar. 2025.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008. 193 p.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 154-186.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 47-57, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2JWsloj>>. Acesso em: 02 mar. 2025.

GILROY, Paul. **Entre Campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

HALL, Stuart. The spectacle of the ‘other’. In: (Org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage Publications, 1997, p. 223-290

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Felipe de Almeida. Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. **Bagoas estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, p. 269-286, 2007.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2LNAopD>>. Acesso em: 02 mar. 2025.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 49-63.



SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 21-40.

SANTOS, Renato Emerson dos. Sobre especialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.) **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii, 2012. p. 36-67. (Coleção negras e negros: pesquisas e debates).

SOUZA, Rolf Malungo Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, v. 6, p. 98-115, 2009.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.